

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CONSÓRCIO SETENTRIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA

MARINEIDE DA SILVA LEITE ABREU

**RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO:
O SAGRADO DEVER DE APRENDER**

LUZIÂNIA – GO
2011

MARINEIDE DA SILVA LEITE ABREU

**RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO:
O SAGRADO DEVER DE APRENDER**

Trabalho apresentado, como exigência parcial
para a obtenção do grau de Licenciatura em
Biologia, na Universidade de Brasília, sob a
orientação do Prof. Lívio Carneiro

LUZIÂNIA – GO
2011

MARINEIDE DA SILVA LEITE ABREU

**RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO:
O SAGRADO DEVER DE APRENDER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Biologia da Universidade de Barsília.

Aprovado em Junho de 2011.

Prof. Lívio Carneiro
Orientador

Msc. Anne Caroline Dias Neves

Fernanda Gomes Siqueira

LUZIÂNIA – GO
2011.

A Deus pela força suprema para superar os obstáculos.

A minha mãe, Madalena, que sempre acreditou no meu sucesso e me apoiou em todos os momentos.

A meu filho, Thaylon, que de certa forma, com seu jeito de criança, me ensinou a ter mais paciência.

A todos que contribuíram para o meu aprendizado e formação.

“Talvez eu não tenha uma incapacidade de aprendizagem – talvez você tenha uma incapacidade de ensino” (1995, Tony Saltzam. De Phi Delta Kappan.)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é interagir alunos e professores conscientizando-os da importância que têm no processo ensino aprendizagem, principalmente o professor que tem o “sagrado dever de ensinar e aprender”, ensino este que deve ser pautado na amizade, conhecimento e preocupação em estar ou não, desempenhando o seu papel como educador, ajudando assim o aluno a sair da sua dependência intelectual, pondendo por meio do conhecimento atingir a sua maioridade intelectual. A prática educativa tem um papel significativo na formação do educando-cidadão. Algumas questões foram levantadas: Qual o papel do professor? Até que ponto um professor pode influenciar a vida educativa e social do aluno? Quais as consequências de ser um “mal professor”? Baseado nestes questionamentos e principais problemas cotidianos enfrentados na sala de aula, foram traçados neste trabalho uma análise reflexiva sobre a “autoridade” do educador.

Palavras –chave: processo ensino aprendizagem, professor, prática educativa, formação do aluno, interação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO	9
2.1 – O papel do professor	9
2.2 – Compreendendo o aluno.....	11
2.3 – Conteúdo ministrado	12
2.4 – Adaptações no ensino aprendizagem	13
2.5 – Frustações no ensino aprendizagem	16
3. CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 - INTRODUÇÃO

Uma das preocupações atualmente é como o ensino aprendizagem está sendo tratado no meio escolar. Questões de relacionamentos entre professor e aluno vêm sendo debatido com mais frequência, pois tal relação está abalada por vários motivos e com isso o aprendizado está sendo deixado de lado, ou melhor, não é valorizado por ambas as partes. Mas de quem é a culpa? Do aluno que não tem interesse? Ou do professor, que não consegue transmitir “adequadamente” os conteúdos ministrados? O que fazer para que a relação professor-aluno e/ou aluno-professor melhore e com isso o aprendizado cresça no âmbito escolar e tome a proporção necessária na vida do aluno?

O professor desempenha um papel muito importante na sala de aula, influenciando direto e indiretamente a vida do aluno, por este motivo a postura educativa precisa ser (re) avaliada.

Quando uma pedagogia é centrada somente no professor, acabam por produzir, ditadores, transmissores de conhecimento e professores autoritários que não se preocupam com a aprendizagem em si, esquecendo dessa forma os alunos. Lembrando que a educação começa em casa, e por isso, quando chegam à escola os alunos trazem consigo uma bagagem de conhecimento, bagagem esta que se mistura com a do professor, acontecendo um “choque de conhecimento” e muitos professores despreparados para enfrentar tal situação, acabam por ignorar o aluno, transformando-o em “recebedor” de conhecimento, que para os eles não tem significado algum, prejudicando e causando traumas, alguns até irreversíveis, na vida acadêmica e social dos educandos, anulando assim sua criatividade.

O trabalho docente constitui o exercício profissional do educador, representando seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade, frente aos novos tempos e a uma nova era que se impõe, é a de preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política. É, portanto, uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a conscientização e a conquista democrática.

A qualidade do conhecimento profissional dos docentes e sua capacidade de estarem cientes de seu próprio pensamento que os torna mais hábeis para desempenharem suas funções.

2 - DESENVOLVIMENTO

2.1 - O PAPEL DO PROFESSOR

O professor quando começa a prática pedagógica, tem em mente uma disciplina rigorosa, autoritária ou uma conduta livre, democrática. Entre esses dois extremos, há um grande número de possibilidades, que dependem de muitos fatores, como a personalidade do professor, a do aluno, as condições ambientais da escola e outros.

Como superar a idéia de que ensinar é uma “simples” ocupação? De acordo com PILETTI (1996) o papel do professor vai além do conhecimento teórico, pois “para o professor, não é suficiente conhecer o aluno. É necessário que ele saiba como funciona o processo de ensino aprendizagem e quais os fatores que facilitam ou prejudicam a aprendizagem.

O professor precisa conhecer a si mesmo para poder conhecer os alunos. Não é um senhor absoluto, dono da verdade e dono dos alunos, que manipula a seu bel-prazer. Os alunos são pessoas humanas, tanto quanto ele, e seu desenvolvimento e sua liberdade de manifestação precisam ser respeitados pelo professor.

Enquanto pessoa humana adulta, o professor costuma ser considerado um **exemplo**, para os alunos.” Os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos.(TIBA, 1998).

"O professor forma a si mesmo mais do que é formado" (NÓVOA, 1994), "... aprende na ação e refletindo sobre ela" (GOMEZ, 1992), tem implicações decisivas na formação dos profissionais da educação.

Precisamos ser educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante. O professor deve ser um líder democrático, que atenda aos interesses e motivações dos alunos, sem entretanto deixá-los em absoluta liberdade.

Ele deve ser o orientador do processo educativo, o elemento integrado do grupo, o adulto que representa a autoridade e o conhecimento, para tanto, foram surgindo novos papéis para os professores, sendo eles:

- O professor é um iniciador;
- O professor é um observador de seus alunos;
- O professor é um mediador;
- O professor é um libertador.

O desenvolvimento das características fundamentais da personalidade dos jovens, poderá ser influenciada pelos hábitos praticados pelos educadores. “Como uma função complementar, aprender é uma ação que envolve no mínimo duas pessoas: a que ensina e a que aprende. Variando uma das duas, já se modifica o resultado.” (TIBA, 1998).

A opção metodológica feita pelo professor pode ter efeitos decisivos sobre a formação da mentalidade do aluno, de sua cosmovisão, de seu sistema de valores e, finalmente, de seu modo de viver. Dos métodos ele aprende a ser livre ou submisso; seguro ou inseguro; disciplinado ou organizado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo, uma sede de aprender pelo prazer de aprender e resolver problemas, ou uma angústia de aprender apenas para receber um prêmio e evitar um castigo.

Segundo PALACIOS (1991), podemos considerar a existência de diversos caminhos, diferentes maneiras de aprender, cada uma destacada por referentes teóricos variados: a aprendizagem através da experiência com os objetos, a aprendizagem através da experiência em determinados situações, a aprendizagem através do prêmio e do castigo, a aprendizagem por imitação e a aprendizagem da formação de “andaimes” por parte da pessoa adulta ou outra pessoa mais capaz.

É muito importante o entrosamento entre o professor e seus alunos. Quando isso é conseguido, o diálogo entre eles flui naturalmente. Se, ao contrário, entram em constantes atritos, o professor não conseguirá quase nada do ponto de vista educacional, pois os alunos resistirão à aprendizagem, como defesa ao tratamento recebido. O professor deve ter noção da capacidade do aluno de receber a matéria.

2.2 – COMPREENDENDO O ALUNO

Cada aluno é um conjunto característico de talentos, capacidades, e limitações. O comportamento do aluno, é de início, um ato compartilhado, um fenômeno interpessoal.

O funcionamento e o comportamento dos alunos são externamente regulados pelas interações com os cuidados do professor. As capacidades auto-reguladoras desenvolvem-se no contexto de interações professor-aluno. (MOLL, 1996).

Segundo PILETTI (1996), o aluno não é um ser ideal, abstrato. É uma pessoa concreta, com preocupações e problemas, defeitos e qualidades. É um ser em formação, que precisa ser compreendido pelo professor, e todo esforço será inútil, caso o aluno não tenha interesse em aprender.

O primeiro hábito de um professor é entender a mente do aluno e procurar respostas incomuns, diferentes daquelas a que o jovem está acostumado. É preciso conhecer a alma humana para descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de casa e a sala de aula num oásis, e não numa fonte de estresse. É uma questão de sobrevivência, pois, caso contrário, alunos e professores não terão qualidade de vida.

Geralmente o professor não leva em consideração a situação familiar e nem as características de cada aluno, e esses fatores podem, muitas vezes, dificultar a aprendizagem escolar, pois os tratam como se fossem todos iguais, com os mesmos problemas, as mesmas aspirações, as mesmas situações familiares, tendo também a mesma maturidade, ritmos pessoais, etc.

Muitos obstáculos à aprendizagem tem origem familiar e individual, mas seus efeitos negativos sobre o trabalho do aluno podem ser minimizados ou anulados, se o professor procurar compreender e levar em consideração esses obstáculos, buscando sua superação.

Apesar de todas as dificuldades que tiver pela frente, cabe ao professor manter uma atitude positiva: confiar na capacidade dos alunos, estimular à participação de todos e ser “amigo” dos mesmos. Só assim estará exercendo sua missão de educador. Vale lembrar que **aprender é um direito de todos os alunos**, e não apenas do que possam, potencialmente, ser os bem sucedidos.

Percebe-se que os alunos que apresentam, desde cedo, quadros de “resistência à aprendizagem” durante sua vida acadêmica, na verdade podem ter encoberto um leque de dificuldades específicas que os impedem de aprender da mesma forma que os demais. As dificuldades de aprendizagem fazem parte da aprendizagem. Ninguém deseja ter dificuldades. Mas elas existem e não podem, simplesmente, ser ignoradas. Isso nos leva a crer que o

desconhecimento de algumas dificuldades de aprendizagem por parte do professor, induzirá, fatalmente, a uma avaliação falha. Se em sua avaliação o educador ignora ou desconhece todas as informações pertinentes a essas dificuldades, acontecerá, no mínimo, um duplo fracasso: **o fracasso do aluno**, que falhou por não ter sido atendido em suas dificuldades, e **o fracasso do professor**, que não conseguiu interpretar os constantes e repetitivos erros desse aluno, como indício de prováveis dificuldades específicas da aprendizagem acadêmica. Ser instruído a interpretar erros é um grande passo que ajudará o professor a construir o aprendizado de todo e qualquer aluno.

A tomada de consciência não é apenas um conhecimento superficial e teórico, mas é, antes de tudo, uma tomada de posição.

2.3 – CONTEÚDO MINISTRADO

Incentivar as crianças e adolescentes a pensarem filosoficamente não é uma tarefa fácil para os professores desempenharem e, de certo modo, é mais uma arte do que uma técnica, é **uma arte que requer a prática**.

O professor deve possuir habilidades para passar o conteúdo da matéria, incentivando-os ao estudo, fazendo-os levantar temas sobre o texto dado, discutindo e escrevendo, de acordo com o explicado por LIPMAN (1994,).

Pense por um momento sobre como explicar o conceito de átomo para uma criança de seis anos de idade e para um adolescente de 14. Usar palavras? Figuras? Exemplos específicos? De que tipo? Qual o conhecimento do professor sobre como as crianças menores e mais velhas diferem quanto ao seu pensamento? O aprendizado depende do registro diário de milhares de estímulos externos (visuais, auditivos, táteis) e internos (pensamentos e reações emocionais) nas matrizes da memória.

A tendência do professor, por causa de sua carga de conhecimento e experiência, é pensar que o aluno não sabe nada, o que acaba por complicar a relação professor-aluno, pois o ensino é ato comum do professor e do aluno; o professor, enquanto ensina, está continuando a aprender. A aula não pode ser considerada apenas uma mera transferência de conhecimento, devemos também nos preocupar com o conteúdo emocional e afetivo, que faz parte da facilitação da aprendizagem.

Existem alguns princípios que professores precisam aplicar para “prender” a atenção dos alunos e assim alcançar êxito na aprendizagem, são eles:

- atrair a atenção do aluno;
- possibilitar a cada aluno estabelecer e alcançar os próprios objetivos;
- avaliar constantemente para saber se os alunos estão conseguindo alcançar tais objetivos;
- possibilitar discussões e debates

Geralmente as primeiras experiências educacionais são proporcionadas pela família. A família desempenha um papel importante na educação e desempenho escolar do aluno, mas alguns conflitos podem aparecer, pois a “família e a escola orientam a criança em sentidos diferentes... Haverá, então, conflitos, e a criança poderá ser prejudicada em seu trabalho escolar” (PILETTI, 1996).

O professor deve utilizar uma linguagem em que o aluno entenda e tenha significado pessoal para o mesmo, pois facilitará no processo de aprendizagem. Muitos dos materiais apresentados para os alunos em sala de aula são considerados, para eles, sem qualidade, pois o contexto de experiências negativas anteriores não os permitem aplicá-los no conteúdo defrontado, pois “a explicação dos fenômenos tem que acompanhar o desenvolvimento mental do aluno sob pena de ou ser inútil, ou provocar confusão mental”.

Todos os alunos são aprendizes da linguagem integral. Infelizmente, estes alunos frequentemente não encontram professores da linguagem integral. O princípio básico da linguagem integral diz que os alunos aprendem quando detêm o controle de sua aprendizagem, e estão cônscios deste controle. “*O que faz um ensino ser inteligente não é o conteúdo, mas a maneira de ensinar.*” (TIBA, 1998).

2.4- ADAPTAÇÕES NO ENSINO APRENDIZAGEM

McConnell define aprendizagem como um processo de mudança comportamental que está ligada a sucessivas situações e repetidos esforços para enfrentá-la de modo eficiente. Quando ocorre a mudança comportamental o aluno está aprendendo, caso esse fator não ocorra, é sinal que o aprendizado não está sendo eficiente. A aprendizagem depende de três fatores:

- Situação estimuladora;
- Pessoa que aprende;
- Resposta.

Um dos objetivos mais importantes da atividade do aluno, nesse momento, é a *adaptação ao seu meio*, que compreende tanto as pessoas que o envolvem e que gozam de um papel privilegiado nesse processo, como o meio físico em que se desenvolve.

A construção de uma auto-imagem positiva requer que, na escola, os alunos tenham experiências em situações que lhes permitam ganhar confiança em suas capacidades e que sejam vistas como alunos com possibilidades. O processo de adaptação deve ser apoiado por professores observadores e cuidadosos, mas não pode ser por eles forçado ou controlado.

Para o aluno, a escola é um mundo novo, cheio de encantamento, de coisas desconhecidas, interessantes, diferentes. Muitos alunos sonham com a escola, e esperam muito dela: imaginam que seja um local alegre, agradável, sempre cheio de novidades e brincadeiras. Quando essa escola não corresponde às expectativas, recebem um primeiro choque, que será o primeiro passo para a sua autoadaptação à vida escolar. Ao chegar à escola, encontra uma realidade totalmente diferente da sua, um mundo desconhecido e estranho. Os principais aspectos desse mundo seriam os seguintes:

1. **Um mundo à parte, fechado e protegido**, onde o aluno é depositado como um pacote registrado, cujo acesso é cuidadosamente controlado”.
2. **Um mundo “separado da vida”**. Como é rica e variável a vida da criança, fora da escola! Na escola, cria-se um ambiente artificial e uniforme.
3. **Um mundo de ritos imutáveis**. Todos os dias a mesma coisa; Nada muda. Uma escola assim é percebida pelos alunos como algo muito aborrecido.
4. **Um mundo de silêncio e imobilidade**. Há escolas que ainda obrigam os alunos a entrarem em fila, uma atrás da outra, em silêncio. Na sala, não se permite que o aluno levante, converse, olhe para o lado.

5. **Um mundo onde os papéis de cada um estão previamente determinados.** O aluno deve calar, escutar, obedecer, ser atento, disciplinado e dócil.
6. **Um mundo onde só é admitido falar bem.** Muitas vezes a forma espontânea com que o aluno fala é corrigida pelo professor, que passa a exigir do aluno a fala “correta”.
7. **Um mundo onde só é permitido o que não é proibido.** Já tentou fazer uma lista das proibições escolares? São tantas proibições.
8. **Um mundo uniforme, de comunicação artificial.** A linguagem utilizada pelo professor, muitas vezes, é uma linguagem artificial, que todos devem falar, ou seja, todos devem fazer a mesma coisa ao mesmo tempo.
9. **Um mundo de punições e castigos.** Quem não se enquadra dentro do mundo uniforme da escola é punido.
10. **Um mundo cujo percurso é uma corrida de obstáculos.** Provas, trabalhos, aprovação ou reprovação, seleção constante. Mas os obstáculos são desiguais, para uns mais fáceis e para outros mais difíceis.
11. **Um mundo com conteúdos estranhos,** que não tem qualquer significação nem qualquer utilidade imediata para os alunos.
12. **Um mundo desligado da realidade.** O aluno enfrenta diariamente uma série de problemas que não podem ser analisados na escola, não fazem parte de nenhuma matéria.
13. **Um mundo de conhecimentos compartmentados,** rigidamente hierarquizados. Os conhecimentos não são relacionados, não são integrados a um conjunto próprio do aluno, por isso, são rapidamente esquecidos.
14. **Um mundo comandado por adultos estranhos.** Na verdade, a escola e o alunos são conduzidos não pelo professor que aí está, em carne e osso, diante deles, mas por adultos que só aparecem através de ordens, leis, normas, regras, etc.

Numa educação que visa à autonomia, é necessário que a escola proporcione ao aluno um ambiente sociomoral cooperativo em que vivencie continuamente relações de cooperação, de justiça e de respeito mútuo. A cooperação ocorre necessariamente a partir da convivência do aluno com seus pares e com os adultos.

É importante que o professor promova o sentimento de amizade, simpatia e auxílio mútuo entre os alunos, visto que a motivação para cooperar em resolução de conflito depende do fato de os alunos importarem-se com o relacionamento que está ameaçado. Portanto, a tarefa fundamental para os professores que se importam com os alunos é preparar o terreno para que eles possam ter sucesso de forma regular. Sem essa experiência, a criança não mantém a energia e as atitudes necessárias para a superação.

É preciso que os responsáveis pela educação tenham em mente que tudo nesse campo é importante. Não são necessários grandes recursos financeiros para se obter como resultado um ambiente acolhedor, alegre e descontraído. Basta usar um pouco de imaginação e criatividade, dispor de boa vontade e querer proporcionar aos alunos “bem-estar na escola”. O “bem-estar na escola” deverá, sempre, ser um dos objetivos de qualquer programa educacional.

Do ponto de vista afetivo, a entrada na escola implica uma separação da família, que pode ser traumatizante para o aluno, se não for bem planejada. Compete à escola proporcionar as oportunidades para um bom começo, ou seja, para um bom entrosamento entre o aluno que chega à escola com os adultos e os alunos que aí já estão.

2.5 – FRUSTAÇÕES NO ENSINO APRENDIZAGEM

Da boa ou má atuação do professor, resultará o tipo de imagem, positiva ou negativa, que o aluno fará da escola. O tipo de liderança que o professor exercer condicionará a reação dos alunos. “Sem a orientação de um professor habilidoso, que promova a cooperação, os alunos podem chegar a um ambiente sociomoral no qual tudo é permitido e onde os muitos conflitos não resolvidos criam um clima de insegurança, raiva e ansiedade” (DEVRIES e ZAN).

Dentro de sala de aula, o que se verifica, na maioria das vezes, é o estabelecimento de regras disciplinares de modo arbitrário. Além disso, pode-se perceber a não explicitação dessas regras, e que as exigências de seu cumprimento são feitas com base em ameaças e punições, o que pode provocar reações conformistas ou de resistência, ou seja, a aceitação como forma de adestramento ou a indisciplina.

Cada gesto hostil das outras pessoas está relacionado pelo adolescente como seu trauma. Freud pensava que o trauma original era o grande vilão da saúde psíquica, mas na verdade é a realimentação do mesmo.

O professor é a autoridade máxima, dono do conhecimento e da verdade, e os alunos seguem, sem nenhum questionamento, o que lhe foi proposto, em nome do aprendizado técnico e científico. Quando um aluno sente antipatia pelo professor, por causa do seu autoritarismo, tende a associar a matéria ao professor e rejeita assim ambos, causando distúrbios da aprendizagem que pode prolongar por toda a vida escolar. Se uma criança está interagindo com outra pessoa menos competente, o resultado dessa interação pode ser a regressão. É improvável que o exame das interações adulto-aluno possa fornecer evidências de qualquer coisa muito diferente de um processo unidirecional.

A superioridade do professor tem como consequências a baixa auto-estima dos alunos e a reprodução do autoritarismo com seus alunos. Para BRANDEN, quando os professores apresentam baixa auto-estima, quase sempre há preferência às táticas destrutivas e humilhantes para manter o controle da classe e acabam por aumentar os problemas de auto-estima que os alunos já têm. **“Um professor frustrado é um fator de frustração para os alunos”.**

Alguns professores abusam de seu poder em classe: preocupados apenas em dar aula, impõem seu conhecimento, sem verificar se os alunos estão preparados para recebê-lo. Entra na classe despejando a matéria e sai falando a respeito. Parece um jorro de conhecimentos. Não importa se a informação chega aos que deveriam ser os maiores interessados nela, os alunos. Esse professor se encanta com o próprio jorro de saber. O aprendizado fica em segundo plano. “O professor estuprador mental é como aquele sujeito que chega em casa louco para fazer amor(...). O professor que entra e sai da classe despejando matéria faz igualzinho, só que o aluno não tem o sagrado dever de aprender.”(TIBA, 1998). “As crianças submetem-se à violência, os púberes reagem a ela e os onipotentes sabotam esse tipo de autoridade.”

Os alunos defrontam-se com muitas situações em que suas condutas são premiadas (um sorriso, um abraço, um presente, um comentário elogioso, etc.), ou castigadas (indiferença, uma cara brava, algumas palavras com tom de aborrecimento, etc.), e isso serve para que aprendam quais são os limites a partir dos quais as suas condutas não são aceitas. (...) é preciso evitar os castigos que repercutem de maneira negativa na auto-estima e na própria segurança. Referi-mo a situações como a ridicularização diante de outras pessoas ou a

situações em que se coloca a retirada do afeto, as quais provocam, notadamente, insegurança e sofrimento no aluno. (BASSEAS; HUGUET; SOLÉ,1999).

No auge da reforma educativa, dá-se muita importância aos conteúdos, porque é o que se aprende, sobre o que atua a atividade auto-estruturante dos alunos: é a partir dos conteúdos que somos capazes de desenvolver as nossas capacidades e converter-nos, gradativamente, em pessoas com mais recursos, com uma inteligência que nos permite o confronto com outras situações, etc.

3. CONCLUSÃO

É chegado o momento de concretizar a discussão aqui exposta, também é chegada a hora de lançar algumas propostas que visem efetivamente a melhoria do cotidiano de sala de aula vivido por alunos e professores.

Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo. Suas lições de vida marcam para sempre os solos conscientes e inconscientes dos seus alunos. O tempo pode passar e as dificuldades podem surgir, mas as sementes de um professor jamais serão destruídas.

Como todo relacionamento entre seres humanos são dinâmicos, a relação professor-aluno também deve ser dinâmica. Professores que estão preocupados com valores de seus alunos estão sempre dispostos a buscar uma boa relação, desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento da solidariedade, superação de conflitos psíquicos e sociais, capacidade de questionar e estabelecer metas.

Estimular o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história, a saber filtrar os estímulos estressantes e a trabalhar não apenas com fatos lógicos e problemas concretos, mas também com as contradições da vida. Freire diz que os estudantes aprendem melhor quando são livres para controlar sua própria aprendizagem.

Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender. O maior pecado capital que os educadores podem cometer é destruir a esperança e os sonhos dos jovens.

Educar é provocar a inteligência, é a arte dos desafios. Se um professor não conseguir provocar a inteligência dos alunos durante sua exposição, ele não o educou. Quantos conflitos não serão evitados através de uma educação humanizada!

Usar ou abusar de métodos comportamentais de aprendizagem é antiético. Os professores devem encorajar o desenvolvimento de habilidades, permitindo que os alunos participem de estabelecimento de objetivos, acompanhamento de progresso, avaliação de desempenho e seleção administrativa de seus próprios esforços (WOOLFOLK, 2000), visto que, quando agem no ambiente aprendem.

Antes que quaisquer estratégias para encorajar a motivação possam ser efetivas, quatro condições devem existir na sala de aula:

- 1 – a sala de aula deve ser organizada e livre de constantes interrupções;
- 2 – o professor deve ser uma pessoa apoiadora;
- 3 – o trabalho não deve ser muito fácil nem muito difícil e
- 4 – as tarefas estabelecidas para os alunos devem ser autênticas – não um trabalho fora da sua realidade.

Os professores previnem problemas de disciplina sempre que fazem uma tentativa de motivar os alunos. Um aluno envolvido na aprendizagem geralmente não está em conflito com o professor ou com outros alunos ao mesmo tempo. Todos os planos para motivar os alunos são passos em direção à prevenção de problemas. (WOOLFOLK, 2000).

Devemos pensar de uma maneira construtivista e repensar o papel do professor, pelo qual ele, na sua relação com os alunos, buscará formas de facilitar o aprendizado e fazer seus alunos se interessarem, buscarem e construir o seu conhecimento.

Um bom planejamento crítico e sujeito a mudanças, um acompanhamento contínuo, uma avaliação diversificada, um diálogo aberto e participativo e uma boa dose de afetividade, contribuem para a formação de um profissional bem sucedido. Como facilitador do conhecimento, o professor destaca-se como um guia para o aluno, permitindo que o mesmo crie o seu próprio raciocínio, troque idéias, seja consciente e crítico, contribuindo assim na forma do aluno ver o mundo, agir e tomar decisões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** 4^a ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET Teresa; SOLÉ Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil.** `Porto Alegre: Artmed, 1999.

BARBOSA, Genário Alves; LUCENA, Aline. Depressão Infantil. – **Infanto – Ver. Neuropsiq. da inf. Eadol**, v. 3, n. 2, p. 23-30, 1995.

BORDENAVE, Juan Dias; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino aprendizagem.** 16^a ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRANDEN. N. **Auto-estima e seus pilares.** 5^a ed. São Paulo: Saraiva; 2000.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERREIRO, Emília. **Atualidade de Jean Piaget.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

GOMEZ, A.P. O pensamento prático do professor. A formação do professor como profissional reflexivo." In: Nóvoa, A. (org.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa, D. Quixote, 1992, pp. 93-114.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget para principiantes.** 5^a ed. São Paulo: Summus editorial, 1980.

MOLL, Luis C. **Vigotsky e a educação:** implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MONTEIRO, Marco Aurélio Alvarenga. O ensino de física nas séries iniciais do ensino fundamental: estudo das influências das experiências docentes em sua prática em sala de aula. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 44, Campinas, Apr. 1998.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda(E.P.U), 1999.

NÓVOA, A. **Notas sobre formação (contínua) de professores**. S.L. s.n., 1994, extratos de outros escritos.

NUTO, Sharmênia de Araújo Soares et al. O processo ensino-aprendizagem e suas consequências na relação professor-aluno-paciente. **Ciênc. Saúde coletiva**, v. 11, nº 1, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2006.

PERRENOUD, Philippe; PAQUAY Léopold; ALTET, Marguerite; CHARLIER, Évelyne. **Formando professores profissionais:** quais estratégias? quais competências? 2^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 14^a ed. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, Rosilania Macedo. **Fracasso escolar:** uma consequência da metodologia silábica.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo.** como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. 2^a ed. São Paulo: Gente, 1998.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da Educação**. 7^a ed. Porto Alegre: Artmed,2000.